

O que os bandos armados querem é atrasar o nosso progresso

● José António Carroça cidadão moçambicano recém liberto dos B.As.

A constituição da SADCC resultou num tremendo golpe contra os desígnios de Pretória de congregar os estados da África Austral naquilo a que se chamou de CONSAS — Constelação dos Estados da África Austral. O malogro das suas pretensões fê-lo desmascarar-se ficando a nu o seu plano de tentar dominar economicamente os estados africanos ao sul do Equador.

Pressões políticas e económicas foram feitas pela racista África do Sul no intuito de persuadir os países signatários da SADCC a tomar posições contrárias aos seus reais interesses. E uma vez fracassadas as manobras insidiosas, como que por artes mágicas começaram a proliferar nesses países (e só nesses) grupos de indivíduos que de arma na mão se dizem, através da voz dos racistas de Pretória, arautos de uma pseudo-libertação nacional, o que não é mais do que a continuação da fracassada política de constelação de estados por outros meios: O banditismo armado.

Em quase todos os países membros da SADCC, projectos económicos e sociais são os alvos principais dos grupos armados que o regime de Pretória arma, financia e munícia.

É assim que locomotivas de carga ou de passageiros são atacadas e saqueadas, autocarros e



«Eu voltarei a trabalhar e naquela linha onde me apanharam. O que peço é que sejamos treinados militarmente»

camións de carga são atacados e saqueados.

José António Carroça, de 43 anos de idade, natural de Magdele é portador de um testemunho que atesta não só a natureza, mas também a orientação dos bandos armados. «Entre Buçaco e Niza o comboio em que eu seguia como condutor accionou uma mina. A beira da linha havia um grupo de bandidos armados que logo começou a fazer fogo contra a composição. O comboio era de carga. Quando tudo cessou um grupo de cerca de cinco bandidos veio até ao furgão onde me en-

contrava e abriu fogo sem mais nem menos. As balas passaram por cima da minha barriga, pois eu estava deitado de costas. Depois entraram para dentro do furgão e descobriram-me lá ainda deitado. Aos pontapés levaram-me para fora.

«Em seguida fui levado à presença de um indivíduo andrajoso a quem chamavam de comandante. O tal comandante olhou para mim e disse: «Você não sabe que nós não permitimos a circulação de comboios nesta linha?» — eu não lhe respondi. Não obstante encontrar-me em estado de cho-



José António Carroça, condutor de comboios na empresa CFM-Sul «Não sei que espécie de gente é aquilo»

que pude aperceber-me de que o seu estado moral não era normal. Começou a falar de coisas sem nexos sobre aquilo que dizia ser o futuro de Moçambique quando ganhassem a guerra. Ele disse que eu seria enviado para a África do Sul onde ficaria retido até conseguirem aquilo a que chamou de independência. Esbofeteou-me e mandou que eu fosse amarrado».

José António Carroça é trabalhador da empresa CFM-Sul há dezanove anos. E não era aquela a primeira vez que como condutor de comboios fazia aquele percurso. Só o medo de precipitar os acontecimentos tê-lo refrear os seus ânimos. «Se eu não estivesse em estado de choque estava para perguntar àquele sujeito sobre a autoridade que lhe conferia poderes para interditar uma linha férrea. Mas a lembrança de que eu podia ter morrido quando dispararam sobre o furgão fez-se ganhar medo».

Escoltado até ao local onde os bandidos se escondiam, José António Carroça foi levado para diante de um outro sujeito que se apresentou como o chefe do

acampamento. «Este indivíduo era tão bruto como o primeiro. Logo que lhe disseram qual era a minha profissão esbofeteou-me e disse que eu havia de passar mal porque desobedeci às ordens deles. Eu disse-lhe que não tinha conhecimento dessas ordens, pois, quando saí da estação de Magude não recebi nenhuma ordem de serviço a dizer que na zona entre Buçaco e Niza havia ordens especiais a serem cumpridas. O homem bateu-me e disse que os comboios não podiam circular naquela linha porque nós estávamos a transportar neles coisas para o nosso amigo Mugabe. Disse que Robert Mugabe tinha roubado a terra deles. Ele também disse-me que eu seria enviado para a África do Sul onde o chefe-supremo iria decidir sobre a minha sorte».

Raptado no dia 18 de Abril de 1983, José António Carroça foi arrastado até Mambyili, na Província de Inhambane. Tendo ao longo dessa marcha forçada sofrido indizíveis sofrimentos e privações. «A hora de dormir amarravam-me as mãos e as pernas e guarnecido por dois bandidos. Durante todo o mês de Abril fiquei retido e a andar de um lado para o outro. No dia 10 de Maio fui levado para



«Bateram-me em todas as partes do corpo sobretudo na cabeça com as coronhas das armas»

Hati-Hati. Foi aqui onde encontrei o Eduardo Regado. No dia 20 de Maio saímos de Hati-Hati para Mambyili, onde chegámos no dia 3 de Junho. Aquele a quem chamavam de chefe do acampamento de Mambyili disse que o nosso problema só seria resolvido depois das orientações que viriam da África do Sul, mas disse ele, o mais certo é sermos enviados para a África do Sul onde ficaríamos até ao fim da guerra».

Sobre a vida que levavam os bandidos armados, ele conta que «às pessoas raptadas eles dão pele como alimentação. As mulheres são as mais sacrificadas. São acaçaladas aos bandidos. Não têm respeito por nada. Eu não sei que espécie de gente são. Todos eles só falam de dinheiro». «Ah! quando nós vencermos seremos capitalistas. Teremos muito dinheiro e iremos passear para a África do Sul. Pensam como criar...».

O cidadão José António Carroça esteve cativo dos bandos armados desde Abril a Setembro de 1983. Foi libertado pelas nossas forças alguns dias após o ataque e assalto ao acampamento de Mambyili. «Eu só consegui fugir graças ao ataque das FAM-FPLM a Mambyili. Porque depois do ataque eles andavam tão atrapalhados que já nem se preocupavam pela nossa situação. Ali era salve-se quem puder. Aproveitei-me deste caos e, no dia 25 de Setembro saí sob pretexto de ir procurar água e fugi. Eu não conhecia a zona. O meu objectivo era encontrar o posto mais próximo das FPLM. Andei durante 5 dias até que cheguei a uma casa que por sorte ficava perto de uma posição das FAM-FPLM. A dona da casa disse-me que me ia levar para casa do secretário o qual por sua vez me ia apresentar às FPLM. Assim foi. Os soldados deram-me de comer e lugar para dormir. De manhã fui levado até Panda. Durante os cinco dias que andei a fugir à procura das nossas forças só bebia água».

José António Carroça uma vez livre assegurou-nos que logo que se avistar com a sua família apresentará-se à sua empresa onde espera recomeçar o seu trabalho de condutor de comboios, profissão que abraçou há 19 anos. □